

Kelland esquivava-se e dá respostas evasivas

SÃO PAULO — O presidente do Citibank no Brasil, Michael Kelland, passou a tarde de ontem reunido com diretores do banco em São Paulo, procurando esquivar-se do impacto da decisão do Citicorp — matriz da filial brasileira — de debitar a dívida brasileira como prejuízo. Esse foi o assunto predominante de seus encontros na capital paulista, mas Kelland só se dispôs a responder a perguntas da imprensa por telex.

Lacônico e sem acrescentar qualquer novidade às explicações dadas anteontem por John Reed, presidente do Citicorp, ele respondeu apenas quatro das 11 perguntas que lhe foram previamente enviadas pelo JORNAL DO BRASIL.

Numa delas, garantiu que não falou com o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, nem com o presidente José Sarney, ontem de manhã, em Brasília, sobre os pagamentos dos juros, mas só lhes explicou a posição do banco e confirmou o compromisso da instituição de “continuar apoiando o Brasil”.

Kelland reafirmou que “a decisão do Citibank foi de aumentar as reservas e não tem que representar prejuízo algum para a credibilidade brasileira no exterior”. Além disso, ela “não está relacionada com a negociação da dívida externa com o governo brasileiro”.

Trata-se de uma decisão tomada exclusivamente pelo Citibank, completou o banqueiro norte-americano, ao responder se houve consultas a outras instituições credoras antes de adotá-la.

SÃO PAULO — Eis as quatro respostas do presidente do Citibank no Brasil, Michael Kelland ao JORNAL DO BRASIL, que havia formulado 11 indagações.

JB — A decisão tomada pelo Citibank não estaria indicando que os senhores não estão vendo possibilidade de uma negociação satisfatória com o Brasil?

MK — A decisão de aumentar as reservas não está relacionada com a negociação da dívida externa com o governo brasileiro.

JB — A decisão anunciada ontem foi tomada pelo Citi com consultas a outros bancos?

MK — A decisão anunciada ontem foi tomada exclusivamente pelo Citibank.

JB — O senhor esteve ontem com o ministro da Fazenda e hoje com o presidente da República. Nesses encontros o senhor ouviu alguma coisa que o leve a crer que os pagamentos dos juros serão retomados a curto prazo?

MK — O sr Kelland não falou com o ministro e nem com o presidente sobre os pagamentos dos juros, mas só lhes explicou nossa decisão e confirmou nosso compromisso de continuar apoiando o Brasil.

JB — A decisão do Citi ainda que não tenha sido dirigida contra o Brasil, representa prejuízo para a credibilidade brasileira no exterior. O Citi pensa de alguma forma em compensar o Brasil por este prejuízo, seja no plano político seja no plano econômico?

MK — A decisão do Citibank foi de aumentar as reservas e não tem que representar prejuízo algum para a credibilidade brasileira no exterior.